

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v20i38.25474>HIGIENISMO, DISCURSO E MEMÓRIA: A REMOÇÃO DE MORADORES DA
COMUNIDADE DO CABORJE EM ARAPIRACA, AL. (2007-2011)Hygienism, discourse and memory: the removal of residents from the Caborje community in
Arapiraca, al. (2007-2011)**Daniel Alves dos Santos**

Doutorando em História no PROHIS-UFS

E-mail: 1daniel.alvesufs@gmail.com <https://orcid.org/0009-0001-2103-7553>**Palavras-chave:** Higienismo urbano. Discurso midiático. Arapiraca.

Resumo: Este artigo analisa parte do processo de remoção dos moradores da comunidade de Caborje, em Arapiraca, ocorrido entre os anos de 2007 e 2011. Com foco na observação entre notícias produzidas pela mídia institucional do município, assim como matérias da imprensa jornalística, em diálogos com outros autores que se debruçam a pensar e produzir conhecimento sobre Arapiraca, e ancorado em um significativo debate teórico, buscando identificar nas práticas discursiva e não discursivas aspectos que permitam a leitura do caso como algo para além de uma política de urbanização e habitação, mas na observância das práticas higienistas promovidas pelo poder público municipal conta a comunidade. O estudo demonstrou que o caso aqui estudado se caracteriza sim como ação de higienismo urbano disfarçada de política habitacional, de prática de estruturação urbana e de revitalização.

Keywords: Urban hygienism. Media discourse. Arapiraca.

Abstract: This article analyzes part of the process of removing residents from the Caborje community in Arapiraca, which took place between 2007 and 2011. With a focus on the observation of news produced by the municipality's institutional media, as well as journalistic press coverage, in dialogue with other authors dedicated to thinking about and producing knowledge on Arapiraca, and anchored in a significant theoretical debate, it seeks to identify in both discursive and non-discursive practices aspects that allow the case to be read as something beyond a policy of urbanization and housing, but rather as a manifestation of the hygienist practices promoted by the municipal public authorities against the community. The study demonstrated that the case under study is indeed characterized as an act of urban hygienism disguised as housing policy, as a practice of urban restructuring and revitalization.

Processamento textual:
Recebido em 2026-05-03
Revisado em 2026-06-10
Aprovado em 2026-07-09

Introdução

Os processos de reestruturação urbana da Cidade de Arapiraca, em Alagoas, após o declínio da economia fumageira, tem produzido tensões que precisam ser observadas na produção do conhecimento histórico acerca da cidade. Embora o higienismo social seja muitas vezes associado aos processos de urbanização das capitais entre os finais do século XIX e início do Século XX, é importante observar que algumas situações ocorridas em cidades médias podem sim trazer aspectos a serem interpretados como práticas de higienismo social, e desta maneira, essa categoria histórica será utilizada para analisar a remoção dos moradores da comunidade de Caboje entre os anos de 2007 e 2011, para a construção do Bosque das Arapiracas.

O chamado movimento higienista começou a consolidar-se no Brasil entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, constituindo-se como um conjunto de práticas discursivas e não discursivas e intervenções voltadas para a reorganização da sociedade a partir dos princípios da medicina, da educação, da moral e da ordem urbana. A inspiração em modelos europeus de civilização e progresso, trazia a defesa da ideia de que o desenvolvimento nacional dependia da formação de uma população saudável, disciplinada e produtiva. Nesse contexto, hábitos considerados “atrasados”, “insalubres” ou “incivilizados” deveriam ser substituídos por práticas de higiene física, moral e urbana que contribuíssem para a modernização do país (Gois Júnior, 2000).

Assim, um significativo número de médicos, educadores e intelectuais passaram a associar saúde, disciplina e patriotismo, defendendo a necessidade de educar física e moralmente a população brasileira (Soares 2004). Para tanto, Costa (1979) observa como o discurso higienista penetrou no espaço doméstico, afetando as esferas familiares em um tipo de normatização comportamental, redefinindo papéis sociais e estabelecendo padrões de moralidade considerados adequados ao ideal de sociedade moderna.

O higienismo também esteve profundamente relacionado às reformas urbanas e ao controle dos espaços populares. As ações da administração pública, no sentido de adequação do espaço urbano, ocorreram de forma sistemática em diversos lugares. Um dos exemplos dessa prática pode ser observado no trabalho de Chalhoub (1996), que observou que as políticas sanitárias implementadas nas cidades brasileiras associavam pobreza, doença e desordem social,

legitimando intervenções sobre cortiços e territórios ocupados pelas camadas mais pobres da população. Isso nos pode permitir dialogar com as interpretações propostas por Milton Santos (2001), acerca da produção desigual do espaço, ajudando a compreender o caso estudado, pois se trata da prática de reordenação do espaço urbano promovida pelo poder público em Arapiraca que removeu uma comunidade sustentando o discurso de modernização do espaço.

Cabe destacar que Arapiraca, diferentemente das grandes cidades que passaram por processos de reurbanização ainda nas primeiras décadas do século XX, vivenciou seu processo de expansão a partir de 1960. E essa estruturação ocorreu de forma desordenada sem nenhuma padronização. Durante o período em que a economia fumageira foi utilizada como atrativo de mão-de-obra para a região, a expansão da cidade não foi acompanhada por um planejamento urbano eficiente. “o crescimento urbano rápido pelo qual Arapiraca passou nas décadas de 1950, 1960 e 1970, sem um planejamento urbano efetivo, resultou em uma cidade mais desigual e marcada por carências de diversas ordens” (Neves et al, 2022, p. 20). Uma grande parte dos problemas relacionados ao saneamento, à habitação popular e à ocupação irregular do solo urbano foi incorporada à paisagem urbana arapiraquense. E cabe destacar que ainda não havia um projeto consolidado de reorganização higienista do território.

Foi após o quase total declínio da economia fumageira, entre a última década do século XX e primeira década do século XXI, que ganharam força projetos direcionados para a reorganização urbana e para a construção de uma imagem de cidade moderna, organizada e regionalmente centralizadora. O discurso da administração pública arapiraquense, assim como de comerciantes locais¹, passou a disseminar ideais de modernidade, de crescimento, de limpeza. Mesmo que as zonas periféricas continuassem fora, ou, pelo menos, nas margens do projeto modernizador. Uma outra cidade começou a ser posta sobre o que era considerado atrasado e a superação do antigo pelo moderno passou a direcionar as ações das políticas do município para o cenário urbano.

Na busca de compreender uma cidade em busca de reordenamento após o declínio de seu principal atrativo, conclui-se que a segunda metade do Século XX foi de significativa desordem da ocupação do espaço urbano. Sobre esse período, cabe pontuar que, já nas

¹ Sobre isso, ver o vídeo de Bartolomeu Apolinário da Silva. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5pUbiYu_y0M&t=9946s Acesso em 05 mai. 2026.

décadas finais do Século XX, a partir de 1980, com a gestão do prefeito Severino Leão é que a área, na qual situou-se nosso objeto de pesquisa, passou a ser evidenciada. Primeiramente, já havia habitações próximas à Lagoa das Olarias, que se situava entre os bairros do centro da cidade e o bairro do alto do cruzeiro. Sobre isso, o professor, Zezito Guedes, já havia descrito em seu trabalho, o livro “Arapiraca Através do Tempo” (1999), que os tijolos e telhas que ergueram e cobriram as primeiras habitações da primeira fase da formação de Arapiraca, foram fabricados em olarias que margeavam a referida lagoa (Guedes, 1999).

Ocorreu que, na primeira gestão de Leão, sua administração realizou obras como o aterramento da Lagoa acompanhado da construção do canal do Riacho Seco e a implantação do esgotamento em uma parte do Centro comercial. As obras ocorreram com total ausência de uma política habitacional que enfrentasse o problema da falta de melhores condições de moradia dos que ali viviam de forma sistemática e abrangente, o que continuou levando as populações de baixa renda a ocupar áreas ambientalmente vulneráveis (Neves et al., 2022). E foi diante desse empreendimento, que em uma das margens da canalização do riacho, “A leste da área central, também em área vizinha a ela, surgiu a Favela do Caborje, ao longo do Riacho Seco” (Neves et al., 2022, p. 20).

O discurso atrativo do sucesso fumageiro fez com que muitas pessoas deixassem o ambiente rural em municípios próximos e viessem viver da cidade de Arapiraca. Segundo Leonel (2017), a favela de Caborje que é resultado do êxodo rural ocorrido em Arapiraca após os anos de 1960, contou também com a implementação da água encana que se deu com a construção da primeira adutora, inaugurada em 1973, o que fez com que o processo de implementação de loteamentos do espaço urbano fosse dinamizado. Ainda, segundo essa pesquisadora, as regiões mais ao centro da cidade foram direcionadas ao comércio, e as regiões periféricas destinadas às habitações.

Assim, considerando trabalhos que tratem da remoção dessa comunidade, Romão (2014), numa pesquisa sobre tecnologia social na habitação, na qual comparou duas ocupações, uma em fortaleza e a outra em Arapiraca, essa segunda sendo o conjunto residencial Jardim da Paineiras, para onde foram removidas as famílias que antes moravam na comunidade de Caborje, em Arapiraca, traz informações de como os técnicos envolvidos no processo de

preparação da comunidade para a remoção descrevem o lugar, seus moradores e como viam as condições em que essas famílias viviam.

Para tanto, este artigo propõe discutir as relações entre o discurso de urbanização, modernização e as práticas de higienismo social urbano no contexto da cidade de Arapiraca, tomando como objeto de análise o processo de remoção dos moradores da comunidade do Caborje. Nesse sentido, busca-se compreender até que ponto essa retirada de moradores constituiu-se como parte de uma política habitacional voltada à melhoria das condições de vida da população, ou como uma prática de higienismo pautada na remoção e reorganização de grupos socialmente vulnerabilizados e historicamente estigmatizados no espaço urbano arapiraquense.

Destarte, objetivo geral consiste em analisar se a transferência dos moradores da comunidade do Caborje, em Arapiraca, pode ser compreendida como uma prática contemporânea de higienismo social. E alguns objetivos específicos serviram de eixo orientador na construção do “corpus” do trabalho, o que compreendeu se analisar o processo de crescimento urbano de Arapiraca e suas transformações recentes; contextualizar historicamente a comunidade do Caborje; examinar discursos sobre a remoção e transferência dos moradores; identificar de que forma os argumentos de modernização, infraestrutura e ordenamento urbano foram utilizados e mobilizados em discurso para justificar a remoção; e, por fim refletir sobre as relações entre a ação contra a comunidade e práticas contemporâneas de higienismo. Para isso, analisou-se notícias publicadas em jornais/portais de comunicação. Matérias divulgadas no site oficial da Prefeitura Municipal de Arapiraca, discursos veiculados na imprensa jornalística digital local. A investigação pretende compreender de que maneira discursos sobre modernização urbana, desenvolvimento, ordenamento territorial, infraestrutura, segurança e limpeza foram utilizados para justificar intervenções sobre a comunidade e seus moradores.

Onde é e o que é Caborje: Representações e estigmatização

Embora não tenham sido localizadas fontes documentais que expliquem a origem do topônimo Caboje, a memória local sugere uma relação com o peixe popularmente conhecido

por esse nome, espécie comum em áreas alagadiças, características que marcavam a paisagem da região antes das intervenções ocorridas no final do Século XX. Importa ressaltar que a espécie mencionada possui o nome científico “*Hoplosternum littorale*”², caracterizando-se por sua adaptação a diferentes condições ambientais, podendo ser encontrada tanto em ambientes com baixa concentração de oxigênio quanto em áreas recobertas por vegetação abundante. Dessa forma, a proximidade da comunidade com a lagoa e com áreas alagadas ajuda a compreender a provável origem de sua nomenclatura.

Entretanto, a relação entre o nome da comunidade e o peixe não explica, por si só, os processos de estigmatização que passaram a marcar aquele espaço urbano. O termo traz o estigma (Goffman, 1988), a depreciação do lugar e das pessoas. Isso também pode ser percebido em trabalhos sobre o lugar, como, por exemplo, quando Romão (2014, p. 100) afirma que “o termo caboje (sic) significa um tipo de peixe de sarjeta e era como essas famílias se sentiam em relação à cidade: excluídos”. A autora baseia-se em entrevistas realizadas com agentes envolvidos no processo de reassentamento e com representantes da própria comunidade. Em seus relatos, aparecem representações que associavam o Caborje à precariedade, à pobreza e à exclusão social, contribuindo para a construção de uma imagem negativa daquele território. A estigmatização pode ser descrita como fator contribuinte com a narrativa depreciativa da comunidade, visto que a palavra “sarjeta” usada pela autora já é um adjetivo depreciativo.

Na busca de identificar as tensões, estigmatização e estereótipos em relação a essa comunidade, é importante observar e analisar o que foi descrito e veiculado pela mídia institucional, assim como na imprensa jornalística nos discursos a representar a comunidade durante o processo de remoção. Para essa constatação, em notícias analisadas notou-se que estas raramente apresentavam o Caborje a partir de sua história, de suas relações de vizinhança ou das experiências construídas por seus habitantes ao longo de décadas. Pelo contrário, predominou nas narrativas a ideia de relacionar a comunidade destacando os aspectos de precariedade de suas habitações, e sobre a necessidade de reestruturação urbana com o foco na negatividade da presença das pessoas no referido espaço. A comunidade passou a ser descrita como o problema a ser resolvido.

² Sobre o peixe que nomeia a comunidade ver: <https://www.aquarismopaulista.com/hoplosternum-littorale/>
Acesso em: 02 ago. 2025.

A primeira publicação, no ano de 2007, apresenta o título de “Prefeitura transfere famílias para o Jardim das Paineiras”³. Na matéria, o órgão de imprensa do poder executivo municipal apresenta a remoção como promoção de igualdade e cidadania, na qual o novo conjunto é tratado como símbolo de dignidade e cidadania, assim como de qualidade de vida. O novo espaço aparece como símbolo de progresso em oposição ao antigo símbolo de precariedade representado pela comunidade de Caborje. Nas matérias posteriores, essa lógica permanece. Em “Bosque das Arapiracas, o pulmão verde da cidade”⁴ (2009), a área anteriormente ocupada pela comunidade passa a ser descrita como espaço de recuperação ambiental. O texto aborda o aspecto de prejuízos ao meio ambiente, causados pela ocupação do lugar por sua população. Já em “Bosque das Arapiracas: uma nova paisagem na antiga favela”⁵ (2012), notícia posterior à remoção, estabelece uma oposição ainda mais evidente entre o passado e o futuro da cidade.

Essa construção discursiva se aproxima das reflexões de Chalhoub (1996) sobre as reformas urbanas brasileiras e da discussão desenvolvida por Costa (1979) acerca da medicalização dos espaços urbanos. Em ambos os casos, observa-se a associação entre pobreza, degradação e necessidade de intervenção. Embora os discursos contemporâneos utilizem categorias como revitalização, qualidade de vida, recuperação ambiental e desenvolvimento urbano, permanece a ideia de que determinados territórios são incompatíveis com o modelo de cidade que se pretende construir. A cidade ideal está entre um abismo em relação à cidade real.

Da Margem do Riacho à Margem da Cidade: O Jardim das Paineiras.

Se a ocupação por parte da comunidade de Caborje incomodava o poder público por ocupar a margem do Riacho Seco, próximo a área central da cidade, surge a possibilidade de remoção dos que ali viviam agora para o Jardim das Paineiras. apresentado como símbolo de dignidade e cidadania, o primeiro grande empreendimento estatal de moradias populares de Arapiraca

³ Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2007/04/prefeitura-transfere-familias-para-o-jardim-das-paineiras/> Acesso em: 10 jun. 2025.

⁴ Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2009/10/bosque-das-arapiracas-o-pulmao-verde-da-cidade/> Acesso em: 10 jun. 2025.

⁵ Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2012/10/bosque-das-arapiracas-uma-nova-paisagem-na-antiga-favela/> Acesso em 10 jun. 2025.

homenageia, assim como a cidade, uma árvore, ou um verdadeiro jardim dessa espécie. A paineira é uma árvore de grande porte, pertencente ao gênero “Ceiba”, muito conhecida por sua imponente e beleza. Encontrada principalmente em regiões tropicais e subtropicais da América do Sul, pode atingir até 30 metros de altura e se destaca por seu tronco robusto, frequentemente coberto por espinhos quando jovem⁶. Foi essa localidade que recebeu os moradores de Caborje e passou a ser compreendido não apenas como resultado de uma política pública de habitação, mas como espaço privilegiado para refletir sobre as tensões entre inclusão, pertencimento e permanência das desigualdades.

Portanto, importa aqui analisar como o novo local foi descrito e os impactos causados na vida da população após a remoção. Localizado no bairro Senador Nilo Coelho, o Jardim das Paineiras foi construído através do Programa Habitar Brasil/BID (HBB) para receber 583 famílias, parte significativa oriunda da comunidade do Caborje. Foi o primeiro grande empreendimento habitacional de Arapiraca, construído em 2007 (Neves, 2022). Sua distância em relação a antiga comunidade de caborje, de 4 quilômetros, já é um importante fator a ser observado, considerando o que foi constatado por Romão (2014), que a distância entre o centro e o residencial fez com que muitos dos moradores do novo conjunto abandonassem as novas moradias.

Um dos fatores que também contribuíram de forma conflitante, foi que após a remoção, uma equipe técnica da prefeitura formada por diversos profissionais de diversas áreas deixou o projeto, e “as pessoas se viram isoladas e desamparadas [...] sem a quem buscar apoio, a comunidade descreditou da proposta e vendeu as casas” (Romão, 2024, p. 100). Dessa forma, os resultados do trabalho de Romão (2014) permitem perceber que a transferência para o Jardim das Paineiras não representou, necessariamente, a superação das vulnerabilidades sociais enfrentadas pelos antigos moradores do Caborje.

Em matérias publicadas pela Prefeitura de Arapiraca entre 2007 e 2012, disponíveis no site oficial do município, que tive a possibilidade de baixar e agrupar para seguir essa análise sobre a constituição e recepção das pessoas ao Jardim das Paineiras, pode se evidenciar a construção de uma narrativa institucional voltada para legitimar o processo de remoção das

⁶ Paineira (Ceiba speciosa) Disponível em: <https://www.sitiodamata.com.br/importacao/paineira-ceiba-speciosa.html> Acesso em: 13 Jul. 2025.

famílias do Caborje. Nota-se que há uma disputa em que o discurso institucional escolhe como quer que a população apreenda o residencial. Essas matérias serão a seguir, apresentadas e problematizadas.

A primeira matéria, tem sob título “Prefeitura transfere famílias para o Jardim das Paineiras⁷” (2007), o processo de remoção e transferência é apresentado como um grande e significativo movimento em direção à cidadania. Marco da qualidade de vida, a matéria enfatiza que a substituição dos “barracos” por moradias consideradas providas de dignidade, assim como evidencia a importância da remoção para a futura recuperação da área antes ocupada. A remoção aparece como solução definitiva para toda problemática urbana associando o remanejamento à ideia de progresso e modernidade.

Em seguida, podem ser agrupadas outras três matérias, duas por serem referentes ao mesmo ano. A primeira sobre o título de “Jardim da Paineiras ganha Escola de Tempo Integral⁸”, e a segunda denominada de “Paineiras ganha centro comunitário⁹”, e a terceira, “Prefeitura constrói praça, creche e posto de saúde nas Paineiras”. A leitura e síntese dessas três narrativas destacam e ampliam a construção discursiva sobre o local, apresentando o conjunto habitacional não apenas como local de moradia, mas como um novo espaço de cidadania, equipado com escola, centro comunitário, equipamentos de lazer e serviços públicos. A mensagem implícita é a de que o poder público estaria promovendo não apenas a transferência das famílias, mas sua integração plena à cidade por meio da oferta de infraestrutura urbana.

Pode-se também ser observado, que a notícia de construção do posto de saúde é datada de 2011, ou seja, após quatro anos do estabelecimento do conjunto. Antes disso, Romão (2014) registrou que “no início da moradia das famílias no jardim das Paineiras, diante da ausência do posto de saúde e de agentes comunitários, a comunidade foi orientada pelo poder público a buscar atendimento nos postos de origem. No entanto, esses passaram a ser rejeitados pelas equipes de saúde desses locais” (Romão, 2014, p. 145).

⁷ Idem.

⁸ Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2008/02/jardim-das-paineiras-ganha-escola-de-tempo-integral/> Acesso em: 10 jun. 2025.

⁹ Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2008/05/paineiras-ganha-centro-comunitario/> Acesso em: 10 jun. 2025.

Dessa forma, implica observar que quando essas narrativas são confrontadas com a pesquisa desenvolvida por Romão (2014), emergem aspectos pouco visíveis nos discursos oficiais. A autora demonstra que a distância do conjunto em relação ao centro urbano, a ruptura dos vínculos comunitários anteriormente estabelecidos no Caborje e a descontinuidade do acompanhamento técnico às famílias produziram dificuldades significativas no processo de adaptação ao novo espaço. Em diversos casos, moradores venderam ou abandonaram as residências recebidas, revelando que a simples entrega da moradia não foi suficiente para garantir inclusão social ou pertencimento territorial.

Nesse sentido, observa-se uma diferença importante entre a cidade descrita pelas notícias e a cidade vivenciada pelos moradores. Enquanto a mídia institucional enfatiza a construção de equipamentos urbanos e a melhoria da infraestrutura, Romão evidencia os desafios cotidianos enfrentados pela população reassentada. Esse contraste permite compreender que o sucesso do projeto foi frequentemente medido a partir das obras realizadas e da transformação da paisagem urbana, enquanto as experiências concretas dos moradores ocuparam posição secundária na narrativa oficial.

Essa perspectiva dialoga com as reflexões sobre higienismo urbano discutidas ao longo deste trabalho. Embora os discursos analisados não utilizem explicitamente uma linguagem sanitária, a valorização da remoção das áreas consideradas precárias, da reorganização do espaço urbano e da produção de uma nova paisagem para a cidade aproxima-se de práticas historicamente associadas à higienização dos territórios populares. O Jardim das Paineiras aparece, assim, como a materialização da solução proposta pelo poder público, enquanto o Caborje permanece associado ao passado que deveria ser superado. A tensão entre essas duas narrativas revela que a modernização urbana não eliminou necessariamente os processos de exclusão social, mas, em muitos casos, apenas os deslocou para novos espaços da cidade.

Palavras da Mídia: O Discurso Higienista e a Invisibilidade dos Moradores Removidos

Diante do exposto até agora, segue-se a análise de uma das fontes aqui apresentadas. Trata-se de uma matéria publicada em um importante portal de notícias local. Embora outras matérias tenham sido colhidas para o desenvolvimento deste artigo, optei por trazer a análise desta,

pois a ampliação da discussão será feita em um trabalho posterior. A observação detalhada de como cada lugar foi denominado e nomeado, bem como das tensões entre o dito, o não dito e o silenciado, ajuda a compreender como a exclusão, a separação dos moradores do lugar e a inserção dessas pessoas em um ambiente estranho podem ser lidas como práticas de higienismo urbano. Serão analisados o título da matéria, assim como trechos que evidenciam antíteses e contrastes, buscando ressaltar determinados operadores discursivos típicos do higienismo. Assim, busca-se refletir sobre o fato aqui estudado, procurando compreender as ações do poder público em sua interferência no espaço urbano e na vida social dos moradores.

O Que se Comemora.

A notícia aqui analisada traz o título “Antiga favela vira cartão-postal em Arapiraca”¹⁰ Já é possível observar a oposição entre os termos “favela” e “cartão-postal”, considerando-se que o termo favela carrega historicamente uma carga estigmatizante associada à pobreza, à precariedade e à marginalidade urbana. Conforme observa Wacquant (2008), determinados territórios passam a ser socialmente marcados por representações negativas que ultrapassam suas condições materiais, produzindo aquilo que o autor denomina de estigma territorial. Enquanto isso, o termo “cartão-postal” remete a uma imagem positiva e representativa da cidade, associada àquilo que se deseja mostrar, preservar e celebrar na memória coletiva. Nesse sentido, determinadas paisagens urbanas passam a funcionar como símbolos identitários capazes de representar uma cidade perante seus habitantes e visitantes (Lynch, 2011).

É interessante também observar o termo “antiga” antecedendo a expressão “favela”. Embora esteja implícito na chamada da matéria, subentende-se que sua utilização visa comunicar uma oposição entre o antigo e o moderno, entre um passado considerado indesejável e um presente associado ao progresso urbano. Tal construção discursiva não é neutra. Conforme argumenta Orlandi (2015), os sentidos produzidos pelos discursos são organizados por formações discursivas que definem aquilo que pode ser dito, valorizado ou silenciado em determinado contexto histórico. Nesse caso, a transformação da favela em cartão-postal produz uma

¹⁰ Disponível em: <https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2014/02/20/antiga-favela-vira-cartao-postal-em-arapiraca> Acesso em: 10 mar. 2025.

narrativa em que a superação do passado aparece como condição necessária para a construção de uma nova imagem do lugar e da cidade.

Os trechos destacados do corpo da notícia ajudam a compreender melhor esse processo. Isso pode ser evidenciado quando se afirma que “Os espaços públicos que antes eram conhecidos como as favelas do Caborje e Quiçassa (...) hoje fazem parte de um dos mais belos cartões-postais da segunda maior metrópole de Alagoas: o Bosque das Arapiracas”. O discurso celebra a transformação física da paisagem urbana. O passado associado à favela aparece como algo a ser superado, enquanto o Bosque surge como símbolo de modernidade, beleza e progresso. Ao evidenciar que Arapiraca é “a segunda maior metrópole de Alagoas”, o autor do texto busca demonstrar que a grandiosidade da cidade não converge com a precariedade do termo favela.

Também podem ser identificados aspectos da narrativa higienista de forma direta quando o texto afirma que “o local foi dotado de projetos sociais de educação sanitária e ambiental, com a limpeza da área, a fim de ser transformado num espaço urbanístico com a criação do Bosque das Arapiracas”. Tem-se aqui tanto a ideia de superação entre o antigo e o moderno quanto a necessidade de educar para a limpeza, reconhecendo-se implicitamente o lugar como espaço da sujeira e da desordem. Tal perspectiva aproxima-se das práticas higienistas analisadas por Chalhoub (1996), para quem os discursos sobre saneamento, moralização e ordenamento urbano frequentemente serviram como mecanismos de intervenção sobre populações consideradas incompatíveis com os projetos de modernização das cidades.

Ainda sobre a referida matéria, destaca-se a substituição dos barracos pelas casas ao se afirmar que “Foram edificadas 583 casas de alvenaria (...) onde hoje vivem com dignidade as 583 famílias das antigas favelas do Caborje e da Quiçassa”. Traz-se uma narrativa que enfatiza a conquista da moradia formal e da “dignidade”, apresentada como a coroação do sucesso da política habitacional, a qual aparece como resultado inequívoco da intervenção estatal. o que nos permite, em uma leitura a contrapelo, refletir: A conquista da moradia formal desqualifica a moradia informal? É algo a ser problematizado, pois a mudança não permite que se leve memórias, histórias de afeto e comunidade.

Pode-se perceber ainda sobre o que é comemorado ao se evidenciar a modernização da cidade a partir da ação municipal, bem como o embelezamento urbano, descritos respectivamente nas seguintes proposições enunciativas. Primeiro, quando se informa que “Em outubro de 2011, para alegria dos arapiraquenses, a cidade recebia seu mais novo cartão-postal: o Bosque das Arapiracas”. A expressão de comemoração desloca o foco dos moradores do local para a cidade como um todo. O benefício principal passa a ser a valorização urbana e a construção de uma nova imagem para Arapiraca.

Por fim, uma cidade mais bonita também está presente no argumento do discurso da reestruturação ambiental, considerando-se que “Os serviços também incluíram o plantio de cinco mil mudas de árvores nativas e plantas ornamentais para embelezar ainda mais o local”. O espaço é ressignificado como área de lazer, contemplação e valorização ambiental. O discurso privilegia a estética urbana e a recuperação paisagística em detrimento das condições em que ocorreu o deslocamento das famílias, aspecto que remete ao que foi silenciado na referida matéria jornalística. Embelezar o local retirando o feio, sendo que o feito é aqui o conjunto entre as moradias e seus moradores pobres.

O Que se Silencia

A matéria silencia, por exemplo, a história social, as relações culturais do Caborje. Em um trecho destacado, o autor fala sobre a “derrubada das casas de taipa e de papelão”, mas não problematiza ou ao menos tenta responder quem eram essas famílias, há quanto tempo moravam ali, como construíram suas redes de sociabilidade ou quais memórias estavam vinculadas ao lugar. Essa operação discursiva produz a imagem de uma favela que aparece como problema urbano a ser resolvido, e não como território vivido. Tal questão pode ser percebida no diálogo com as reflexões de Milton Santos (2001), para quem o território deve ser compreendido não apenas como espaço físico, mas como espaço de vida, relações sociais, identidades e pertencimentos.

Ainda se nota a ausência de análise sobre os impactos da remoção. A reportagem celebra a transferência das famílias, mas não informa se houve resistência dos moradores, não propõe observar as dificuldades de adaptação ao novo bairro, não aborda possíveis perdas

econômicas e menos ainda os rompimentos de vínculos comunitários. Assim, a remoção surge como processo consensual e sem conflitos.

Há também a negligência em relação à memória dos antigos moradores removidos. O texto apresenta a transformação do espaço, mas não registra narrativas dos moradores deslocados. Em vez disso, destaca “a derrubada das casas” e a criação de um “novo conjunto habitacional”. Dessa forma, desaparecem as experiências, os afetos e as lembranças associados ao Caborje. Como observam Pollak (1992) e Nora (1993), toda memória social é seletiva e envolve processos de escolha acerca do que deve ser lembrado e do que pode ser esquecido. Nesse sentido, o discurso jornalístico privilegia a memória da transformação urbana, enquanto silencia a memória da experiência dos moradores que habitavam aquele espaço.

Mesmo quando traz a fala de um morador, faz questão de demonstrar que se trata de alguém que permaneceu nas proximidades. Isso pode ser observado quando escreve: “Morador há cerca de 40 anos no local, o comerciante Josival Ferreira de Lima, 49, não esconde sua satisfação com a beleza e a transformação urbanística dos antigos espaços na área central da cidade. ‘As pessoas vivem hoje com muita dignidade e alegria. A convivência é muito boa e, além disso, os imóveis estão sendo valorizados a cada dia’, destaca o morador” (Cadinuto, 2014). A escolha desse depoimento reforça a narrativa positiva da intervenção urbana, não abrindo espaço para vozes divergentes ou para experiências que eventualmente tenham sido marcadas por perdas, dificuldades ou sentimentos de desenraizamento.

A desigualdade urbana também é noticiada e traz alguns marcadores discursivos quando utiliza expressões como “áreas de risco”, “limpeza da área” e “transformado num espaço urbanístico”. Entretanto, não discute os motivos pelos quais aquelas famílias passaram a ocupar o local, não aborda a ausência histórica de políticas habitacionais que pudessem ter melhorado as condições de vida da população sem a necessidade de remoção e tampouco analisa os mecanismos de segregação socioespacial presentes na cidade. Dessa maneira, acaba por silenciar as causas estruturais da pobreza urbana.

Em síntese, a matéria sobre a remoção do Caborje e a implantação do Jardim das Paineiras e do Bosque das Arapiracas constrói uma narrativa pautada na modernização urbana, na

recuperação ambiental e na promoção da cidadania. Nessa memória oficial, comemoram-se a urbanização, o embelezamento da cidade, a construção de moradias e a valorização do espaço urbano. Entretanto, permanecem silenciadas as experiências dos moradores removidos, as sociabilidades construídas no território, os conflitos inerentes ao processo de deslocamento e as desigualdades que historicamente produziram a ocupação da área. Todos esses fatores foram demolidos e soterrados na construção do “Bosque das Arapiracas”. Tal dinâmica evidencia aquilo que Pollak (1992) denomina de disputas da memória, nas quais determinadas narrativas são legitimadas e outras são marginalizadas, contribuindo para a produção de uma memória urbana seletiva sobre a comunidade e sobre a cidade de Arapiraca.

Considerações finais

Diante do que foi apresentado, é possível se observar que os trabalhos de Guedes (1999) Neves (2022), Leonel (2017) e Romão (2014) apresentam a comunidade de Caborje, seu surgimento e sua remoção para a construção do Bosque das Arapiracas, no entanto, embora todos de certa forma tensionam essa remoção, nenhum dos pesquisadores refletem sobre as ações do poder público, e sobre a construção discursiva da mídia institucional, assim como da imprensa jornalística sobre o processo de remoção dessa comunidade. Mesmo Romão (2014) apontando várias contradições e impactos sociais da remoção, fica excluída a reflexão sobre higienismo social de forma direta e precisa, reflexão mais que necessária, pois há outros casos na história recente de Arapiraca a serem pesquisados e apresentados em forma de conhecimento histórico.

Sendo assim, esse artigo traz uma análise da construção discursiva acerca do caso estudado. Evidências que tanto o poder público municipal, em seus órgãos de comunicação digital escrita, quanto a mídia jornalística local se utilizaram de uma narrativa de apelo a modernização do espaço, assim como toda uma construção discursiva que pudesse sustentar a estigmatização da comunidade de Caborje, e que serviu como justificativa para as ações do município de remoção dos moradores do local, da margem do Riacho Seco, no centro de Arapiraca para o conjunto Jardim das Paineira, à margem da zona urbana, considerando que este foi construído fora do perímetro urbano.

Ainda, se pode observar que diversos marcadores discursivos como “favela”, “precariedade”, “barracos de taipa e papelão”, “pobreza”, “limpeza do local”, “reestruturação ambiental” foram mobilizados em oposição a outros marcadores como, por exemplo, “modernização”, “cartão-postal”, “moradias dignas”, “dignidade” e “bosque das Arapiracas”, como forma de justificar as ações de remoção, criando uma narrativa, inclusive de como a comunidade removida deveria ser escrita na história e na memória local. Essa narrativa está em disputa, e deve ser revista e problematizada constantemente por quem se debruça a pensar a cidade real.

Por fim, conclui-se que o processo de remoção da comunidade de Caborje deve ser lido a partir de uma reflexão que leve em consideração as ações do poder público municipal para além da visão de política de reestruturação urbana, e socioambiental, deve ser lida a partir de uma ação de higienismo social urbano disfarçado de administração urbana e política habitacional. E mais que registrar o caso de Caborje nessa perspectiva, esse trabalho pretende levantar o debate sobre que cidade está sendo gestada sobre os escombros do que se pretende escutar da história local.

Referências

- ALMEIDA, Thamires Caroline Leonel de. **Qual o patrimônio arquitetônico de Arapiraca? Registro das edificações de importância histórica e cultural.** 2017. 123 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Arapiraca, 2017. Disponível em: https://ud10.arapiraca.ufal.br/web/content?model=ud.biblioteca.anexo&field=arquivo&id=4798&filename_field=name . Acesso em: 29 jun. 2025.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GUEDES, Zezito. **Arapiraca através do tempo.** Maceió: Mastergraphy, 1999.
- GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Os Higienistas e a Educação Física: as histórias dos seus ideais. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2000. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação

Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2000.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

NEVES, Rafael Rust; BARROS, Alice de Almeida; VASCONCELOS, Ana Beatriz Catonio de; SILVA, Patricia Monick da. **O espaço urbano de Arapiraca-AL: formação histórica, evolução urbana e tendências recentes**. Revista Caderno Pedagógico, Curitiba, v. 22, n. 4, p. 1-33, 2025. Disponível em:

<https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/13868/7811>. Acesso em: 29 mar. 2026.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763> Acesso em 12 fev. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080> Acesso em: 12 fev. 2019.

ROMÃO, Simone Rachel Lopes. **Tecnologia social na habitação: uma análise comparativa entre um mutirão em Fortaleza (CE) e um conjunto em Arapiraca (AL)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2014. Disponível em:

https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5521?locale=pt_BR Acesso em: 23 jun 2025.

SANTOS, Milton. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

WACQUANT, Loïc. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

Referências Digitais

CADAMINUTO. Antiga favela vira cartão-postal em Arapiraca. Disponível em:

<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/2014/02/20/antiga-favela-vira-cartao-postal-em-arapiraca> Acesso em: 10 mar. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. Bosque das Arapiracas, o pulmão verde da cidade (2009); Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2009/10/bosque-das-arapiracas-o-pulmao-verde-da-cidade/> Acesso em: 10 mar. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. Bosque das Arapiracas: uma nova paisagem na antiga favela (2012); Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2012/10/bosque-das-arapiracas-uma-nova-paisagem-na-antiga-favela/> Acesso em: 10 mar. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. Jardim das Paineiras ganha Escola de Tempo Integral (2008) Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2008/02/jardim-das-paineiras-ganha-escola-de-tempo-integral/> Acesso em 10 mar.2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. Prefeitura constrói praça, creche e posto de saúde nas Paineiras (2011);

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA. Prefeitura transfere famílias para o Jardim das Paineiras. (2007). Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2007/04/prefeitura-transfere-familias-para-o-jardim-das-paineiras/> Acesso em: 10 mar 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAPIRACA). Paineiras ganha centro comunitário (2008); Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/2008/05/paineiras-ganha-centro-comunitario/> Acesso em: 10 mar. 2025.

Tamoatah (*Hoplosternum littorale*) Disponível em:

<https://www.aquarismopaulista.com/hoplosternum-littorale/> Acesso em: 22 mai. 2025.

Entrevista com Bartolomeu Apolínário Silva; Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=5pUbiYu_y0M&t=9946s Acesso em: 05 mai. 2026.